

Textos de apoio ao co-  
mício de solidariedade  
com os Povos de Espanha

A GUERRA CIVIL 1936-1939

As características determinantes da economia hoje em Espanha são.

-Economia débil dependente e dominada pelo imperialismo Ianque.

-Produção industrial e agrícola por habitante muito baixa e nível de produtividade muito baixo em comparação com os países capitalistas mais desenvolvidos: baixo nível de reservas - ouro e divisas - desenvolvimento escasso das comunicações, atraso na agricultura, baixo nível de consumo por habitante, etc.

-Existe um desequilíbrio geral na economia: nas distintas regiões podem considerar-se duas Espanhas, uma formada por uma zona de núcleos industrializados e outra fracamente industrializada e de grande atraso na agricultura. Outro factor de desequilíbrio é o muito escasso desenvolvimento das indústrias de base relativamente às de transformação, o que resulta basicamente da dominação ianqui.

Daqui ser Espanha um dos países da Europa, sob o ponto de vista económico, menos desenvolvido.

Ainda que o desenvolvimento económico de Espanha esteja atrasado há mais de quatro séculos, o atraso acentuou-se em consequência da guerra desencadeada pela oligarquia fascista com o apoio do imperialismo estrangeiro em 1936.

O medo da burguesia espanhola de não poder continuar a manter a sua exploração capitalista levou-a em 1936 a preparar o golpe de estado e a implantar uma ditadura fascista de modo a manter a sua exploração sobre o povo espanhol.

Também em 1936 o sistema capitalista via na guerra mundial a solução das suas contradições; a guerra de agressão era um meio para manter a exploração sobre os povos.

A tentativa de, por meio de um golpe militar, afogar a Espanha numa ditadura fascista, opôs-se o povo espanhol empunhando armas.

A vitória dos fascistas em 1939 levou à submissão do povo espanhol a uma tenebrosa ditadura, vendida primeiro à Alemanha nazi e desde 1953 ao imperialismo norte-americano.

De 1939 até hoje nada de essencial se modificou. A ditadura fascista de Franco e as classes que defende vêm que enquanto classe estão condenadas a desaparecer e só pelo força têm conseguido impedir que o povo os enterre a curto prazo,

A oligarquia financeira e possuidora da terra caracteriza-se historicamente como classe pela incapacidade de exercer o seu domínio sobre o povo espanhol, e o único meio de se manter é o de entregar a soberania nacional de Espanha a uma potência militar para em troca contar com o seu apoio e protecção, tanto económica como militar.

Durante a guerra civil eram as potências europeias, principalmente a Alemanha de Hitler e a Itália de Mussolini, que sustentavam a oligarquia espanhola. Neste período, os Estados Unidos defendem uma posição de não intervenção, enquanto fornecem o petróleo que os fascistas necessitam para o seu arsenal bélico.

Após a guerra, enquanto a ditadura fascista de Franco é criticada e denunciada a nível internacional, em 1946 a administração Truman firma com a ditadura fascista espanhola importantes acordos sobre comunicações ferroviárias e centrais telefónicas. Em 1948 os Estados Unidos abastecem Espanha com matérias primas, material militar estratégico e importantes quantidades de petróleo.

Finalmente em 1950, após diversas relações diplomáticas e missões militares terem "visitado" Espanha, os Estados Unidos estabelecem relações diplomáticas com o regime fascista de Franco. Em 1953 são assi-



nados os acordos americano-franquistas (renovados em 1963 e 1970) que abrem o caminho à oligarquia americano-fascista-espanhola para a sua expansão e enriquecimento, convertendo a Espanha numa semi-colónia e arsenal dos Estados Unidos. Estes acordos permitem que o imperialismo ianqui exerça o seu domínio no terreno económico, político-militar e cultural.

O governo franquista põe ao serviço dos monopólios norte-americanos a legislação referente a investimentos estrangeiros:

- Liberdade absoluta de investimento, excepto nos casos em que o investimento é superior a 50% do capital da empresa espanhola, onde é necessária uma autorização do estado fascista, que no caso dos ianquis a concede sempre.

- Liberdade de escolha da modalidade de investimento.

- Liberdade para reinvestir e transferir para o país de origem os lucros e divisas sem nenhuma limitação.

- Liberdade para poder retirar em divisas o capital investido quando se queira.

No seguimento destes acordos que permitem aos ianquis no terreno económico exportar capital para os países sub-desenvolvidos ou de economia débil, tentando diminuir a crise de super-produção que enfrentam, o capital ianqui invade a Espanha. Assim, no período de 1968-1971, há um montante de 3.000 milhões de dolares de investimentos e créditos dos imperialistas ianquis, créditos esses pagos a curto prazo com um juro de 7%.

O imperialismo ianqui, com a conivência da oligarquia fascista espanhola, estende os seus tentáculos a todas as empresas chave de cada ramo de produção, e domina todas as artérias e sectores vitais da economia espanhola.

Como exemplo de seis empresas cujo volume de vendas é superior a 162 milhões de dolares, 3 são dominadas pelos ianquis, 2 estão controladas parcialmente através de laços técnicos e financeiros e só uma é de capital italiano.

Também dos 8 principais bancos industriais, 6 são controlados pelos ianquis representando só por si 71,5% de toda a actividade de crédito da banca industrial.

Também no campo a dominação ianqui se faz sentir.

A razão fundamental do campesinato estar submetido a uma vida de sofrimento e miséria, é em primeiro lugar o sistema de propriedade existente e em segundo a política anti-nacional da oligarquia ianqui-franquista.

Assim, 25 milhões de hectares do campo espanhol que correspondem a 54% da terra produtiva estão na mão de 50 mil grandes proprietários, enquanto 5 milhões de camponeses pobres e semi-proletários possuem pouco mais de 4 milhões de hectares.

A oligarquia e o imperialismo americano pretendem que a crise que se faz sentir no campo resulta de existência destes milhões de camponeses pobres e procuram aumentar os latifúndios arruinando os trabalhadores do campo.

O caso do cultivo dos cereais é típico da actuação ianqui: cerca de 80 mil famílias modestas vivem do cultivo de cereais. Toda a produção é controlada por cerca de 8 mil latifundiários que impõem preços, impondo medidas anti-populares, de modo a arruinar estas 80 mil famílias e a concentrar nas suas mãos as terras que estes abandonam.



Por outro lado, os yankes enquanto exportam cereais (trigo, milho, etc) para Espanha, pelo voz dos seus peritos do Ministério da Agricultura, aconselham a diminuição da zona dedicada ao cultivo do trigo, que de quatro milhões de hectares em 1963 passa para 3,6 milhões em 1973.

Toda esta situação de domínio sobre a economia espanhola permite aos yankes explorar a mão-de-obra barata (devido aos salários de miséria que a oligarquia no poder dá aos trabalhadores) permitindo-lhes por um lado reduzir os custos da produção e incrementar os seus super-lucros, e por outro utilizar a Espanha como trampolim para competir vantajosa mente com os monopólios europeus e introduzir as suas garras nos povos do terceiro mundo; permite-lhes também saquear as riquezas minerais espanholas (mercúrio, fluor, volframite) ao mesmo tempo que descarregam sobre os ombros do povo uma parte do peso das crises financeiras e de superprodução.

Os investimentos norte-americanos não só não são lucrativos para Espanha como desarticulam toda a economia nacional, desequilibrando certos ramos que lhes interessam nas que carecem de interesse para o país, enquanto que outros sectores se vêem arruinados pela importação em massa de mercadorias e excedentes yankes.

O aumento do desnível entre as condições de vida da cidade e do campo apesar da miséria em que todo o povo vive, e principalmente do agravamento das condições de vida nas zonas urbanas, a ruína de milhares de camponeses pobres que são obrigados a emigrar são exemplo do desequilíbrio que os investimentos americanos provocam.

Os tecnocratas opus-franquistas afirmam que a economia vive um momento de reactivação e nova expansão. Após a crise de 1967-68 provocada pela super-produção crónica e pela inflação galopante que levou ao despedimento e desemprego massivo, efectuou-se uma ampliação do volume de negócios de um certo número de empresas -- quase todas de capital predominantemente yanki e cuja função básica é exportar o que produzem no solo espanhol -- que consiste no fundo na inundação do mercado financeiro de pesetas (conseguido em parte pela criação artificial de dinheiro) o que permitiu incrementar o volume de negócios sem ampliar o mercado interno e teve como consequência imediata a subida vertiginosa dos preços.

Tal inflação é indispensável para a oligarquia yankizada particularmente durante o período de expansão do volume dos seus negócios, pois serve para forçar a acumulação e concentração de capital nas mãos da oligarquia e das multinacionais.

Como resultado desta política económica a vida das classes trabalhadoras da cidade e do campo é agravada dia a dia.

Assim temos que o salário mínimo oficial é de 136 pesetas, enquanto que o pressuposto mínimo diário de despesas familiares em Madrid para um casal com dois filhos é de 321,6 pesetas. Isto em 1970; desde então o custo de vida subiu no mínimo de 20%. 11% das famílias espanholas têm rendimentos inferiores a 2.500 pesetas mensais, atingindo 37% as que não chegam a 5000 pesetas. 34% das famílias espanholas não têm água corrente nas suas casas e as crianças em idade escolar não escolarizadas ultrapassam 1 milhão. A Espanha é dos países da Europa onde o consumo alimentar é mais deficiente. Quanto ao problema da habitação, 30% da população não tem habitação e vive em habitações subalugadas, quartos, barracas, grutas, etc.



Daqui se infere que a exploração relativamente às massas trabalhadoras, não só não se atenuou como se agravou.

Apesar de toda esta situação, e mostrando claramente a sua verdadeira face, os sociais-fascistas da URSS, e de outros países revisionistas da Europa de leste, colaboram com a oligarquia fascista de Franco, enviando engenheiros, técnicos, "especialistas" e investindo capitais. Também no campo militar, os social-imperialistas disputam com os imperialistas americanos a instalação de bases navais.

Carrillo, secretário-geral do partido revisionista espanhol, defende as ligações com o mercado comum e a instauração da monarquia no sentido de se caminhar para a 'democracia'.

A existência e a manutenção da ditadura fascista, não é uma casualidade: é o resultado das contradições agudas entre a oligarquia pro-imperialista e as demais classes trabalhadoras.

A oligarquia pró-imperialista esforça-se por ocultar a sua natureza e as suas origens, para poder continuar a explorar brutalmente os trabalhadores e repartir os seus proveitos com a canalha yanki, necessite impedir pela força a luta de resistência do povo espanhol contra esta exploração e logo não pode evoluir para a democracia burguesa.

Isto é o problema central e o problema político fundamental: como pode a oligarquia continuar a assegurar a sua exploração, já que a estabilidade depende em larga medida do apoio político-económico externo. Juan Carlos e a monarquia são o meio pelo qual essa oligarquia e os seus patrões yankes pretendem continuar a exercer a ditadura terrorista.

Daí o recrudescimento da luta de classes, daí a redobrada ferocidade da sanguinária repressão franquista contra todo o tipo de greves (inclusive as meramente económicas e salariais), contra todo o tipo de acções populares de luta e protesto. Daí também a crescente resistência da classe operária e dos camponeses contra a investida patronal americano-franquista.